

# ENCONTROS COM JOÃO 7

## A HORA DA GLORIFICAÇÃO

### (18,1-19,42)

#### Percurso Narrativo Anterior

##### ➤ Introdução:

- 1,1-18 Prólogo: apresentação geral do projeto de Deus, revelado em Jesus  
1,19-51 Início do evangelho: apresentação e Jesus por João Batista; Primeiros discípulos.

##### ➤ 2,1-12-50 O livro dos sinais

2,1-4,54 Os primeiros sinais: Bodas de Caná (2,1-11); Denúncia do templo; Nicodemos (2,12-3,21); Samaritana (4,1-42); Caná, cura do filho de um funcionário real (4,43-54).

5,1-10,42 Acolhimento e Rejeição: Cura de um paralítico (5,1-18); Autoridade de Jesus (5,19-47); O Pão da vida (6,1-71); Crise e Fé dos discípulos (6,60-71).

7,1-10,42 Decisão perante Jesus: Na festa das tendas: A água viva e a promessa do Espírito; rejeição das autoridades (7,1-52); A mulher adúltera (8,1-11); Jesus, luz do mundo; A verdadeira liberdade; Jesus e Abraão (8,12-59); Luz e cegueira: Cura de um cego (9,1-41); Jesus Porta e Bom Pastor (10,1-42).

11,1-12,50 Os últimos sinais: O amigo Lázaro e a sua família, Marta e Maria (11,1-46); Decisão de matar Jesus (11,47-57); Unção em Betânia (12,1-11); Entrada messiânica em Jerusalém (12,12-19); Anúncio da “Hora”; Conclusão do livro dos sinais (12,20-50).

- ##### ➤ 2,1-12-50 O Livro da Hora - A ceia do memorial: Jesus Lava os Pés aos discípulos (13,1-38); Discurso de Jesus (14,1-16,33); Oração solene de Jesus (17,1-26)

#### HOJE:

##### ➤ 18-19,16a Prisão e condenação de Jesus

- 18,1-12 Prisão de Jesus  
18,13-27 Jesus perante o tribunal judaico. As negações de Pedro  
18,28-19,16a Jesus perante o tribunal romano

##### ➤ 19,16b-42 Crucificação e morte e sepultura de Jesus: A Hora da Glorificação

- 19,16b-22 Crucifixão de Jesus  
19,23-24 Repartição das vestes de Jesus  
19,25-27 Jesus e a nova comunidade: a Mãe e o Discípulo Amado  
19,28-30 Jesus morre na cruz  
19,31-37 O sangue e a água, dom do Espírito para a humanidade nova  
19,38-42 Sepultura de Jesus

## Jo 18,1-19,42 – A hora da glorificação de Jesus

### 18,1-12 *Prisão de Jesus*

(Mt 26,30.36.47-56; Mc 14,26.32.43-52; Lc 22,39.47-53)

#### TEXTO

**18,1** Tendo dito isto, Jesus saiu com os seus discípulos para o outro lado da torrente do Cédron, onde havia um jardim, no qual entraram Ele e os seus discípulos. **2** Também Judas, aquele que o ia entregar, conhecia o lugar, porque muitas vezes Jesus se reunira ali com os seus discípulos. **3** Então Judas, levando a coorte de soldados e os guardas dos chefes dos sacerdotes e dos fariseus, chegou ali com archotes, lanternas e armas. **4** Jesus, sabendo tudo o que estava para lhe acontecer, saiu e disse-lhes: «Quem procurais?». **5** Responderam-lhe: «Jesus, o Nazareno». Disse-lhes: «SOU EU». Com eles estava também Judas, o que o ia entregar. **6** Assim que Jesus lhes disse: «SOU EU», recuaram e caíram por terra. **7** Então perguntou-lhes de novo: «Quem procurais?». Eles disseram: «Jesus, o Nazareno». **8** Respondeu Jesus: «Já vos disse que sou eu. Se é, pois, a mim que procurais, deixai ir embora estes.» **9** Isto para que se cumprisse a palavra que dissera: «Daqueles que me deste, não perdi nenhum». **10** Então, Simão Pedro, que tinha uma espada, desembainhou-a, e feriu o servo do sumo-sacerdote e cortou-lhe a orelha direita. **11** Jesus disse a Pedro: «Mete a espada na bainha! O cálice que o Pai me deu, não o hei de beber?». **12** Então a coorte, o comandante e os guardas dos judeus apoderaram-se de Jesus e manietaram-no.

#### COMENTÁRIO

- ◆ *18,1* Tendo dito isto, Jesus saiu com os seus discípulos para o outro lado da torrente do Cédron, onde havia um jardim, no qual entraram ele e os seus discípulos. *2* Também Judas, aquele que o ia entregar, conhecia o lugar, porque muitas vezes Jesus se reunira ali com os seus discípulos. *3* Então Judas, levando a coorte de soldados e os guardas dos chefes dos sacerdotes e dos fariseus, chegou ali com archotes, lanternas e armas.
- Jesus **terminara a ceia com os discípulos com uma solene oração** ao Pai, colocando-se totalmente à sua disposição perante a hora da glorificação, através do dom total da sua vida.
- **Nos sinóticos, a oração da entrega de Jesus nas mãos do Pai tem lugar no Jardim das Oliveiras:** “*Não se faça o que eu quero, mas o que tu queres*” (Mc 14,26 e par.). João coloca a oração durante a ceia, acentuando nela a sua disponibilidade para realizar a glória do Pai através do dom da vida e ligando a ceia, com as suas referências à eucaristia, com a sua paixão iminente, o dom da vida e a formação da comunidade dos discípulos.
- **Judas fazia parte deste projeto de Deus** e conhecia o lugar deste de Jesus com os discípulos. Jesus tinha-lhe dado provas do seu amor, mas ele não os aceitou. Já não é um dos seus discípulos. João descreve, por um lado, Jesus com os seus discípulos “*ele e os seus*

*discípulos*” e, por outro: Judas com o grupo dos soldados: *“Judas, levando a coorte de soldados e os guardas dos chefes dos sacerdotes e dos fariseus”*: fez a opção pela traição, a violência e a morte.

- A prisão de Jesus parece **uma operação conjunta das autoridades judaicas e romanas**: participa uma *“coorte”* (estrutura do exército romano) e *“os guardas dos chefes dos sacerdotes e dos fariseus”*.
- ◆ *4 Jesus, sabendo tudo o que estava para lhe acontecer, saiu e disse-lhes: Quem procurais?. 5 Responderam-lhe: Jesus, o Nazareno. Disse-lhes: SOU EU. Com eles estava também Judas, o que o ia entregar. 6 Assim que Jesus lhes disse: SOU EU, recuaram e caíram por terra. 7 Então perguntou-lhes de novo: Quem procurais?. Eles disseram: Jesus, o Nazareno. 8 Respondeu Jesus: já vos disse que sou eu. Se é, pois, a mim que procurais, deixai ir embora estes. 9 Isto para que se cumprisse a palavra que dissera: Daqueles que me deste, não perdi nenhum.*
  - Ao iniciar o processo da violência que levará à sua morte, João torna claro que **Jesus está bem consciente daquilo que se está a passar** que encara livre e voluntariamente o caminho do dom da vida, como dissera: *“dou a minha vida, para tomá-la de novo. Ninguém ma tira, mas sou eu mesmo que a dou. Tenho poder para a dar e poder para a retomar”* (10,17s). No início da ceia, Jesus tinha expresso o seu conhecimento do projeto do Pai que passava por esta hora no seu regresso ao Pai: *“Jesus, sabendo que o Pai tudo lhe colocara nas mãos e que de Deus saíra e para Deus voltava...”* (13,3).
  - É com essa consciência que **Jesus sai ao encontro dos que vêm à sua procura**, para lhe dar a morte: *“Saiu e disse-lhes: Quem procurais?”*. Estranhamente, é a mesma pergunta que Jesus fizera aos primeiros discípulos que seguiram Jesus por indicação de João Batista (1,35). Esses procuravam o seguimento de Jesus, para uma nova vida; estes procuram Jesus para lhe dar a morte.
  - A **última menção de Judas no evangelho** é para é para indicar a sua passagem para o grupo dos que se opõem a Jesus e aos discípulos: *“Com eles estava também Judas”*.
  - E eles trazem bem a **identificação daquele que procuram**: *“Jesus, o nazareno”*. É também a indicação que Filipe dá a Natanael (1,45s). O evangelista torna explícita a divisão que acompanhou todo o evangelho: Jesus será motivo de opções radicais, que levam à vida ou à morte. Judas já não faz parte do grupo dos discípulos e, liderando o grupo armado.
  - **A resposta de Jesus “SOU EU”** (*“Eu sou”*, em grego) é o nome do Deus de Israel, na revelação a Moisés no deserto (Ex 3,14), que apareceu já ao longo do evangelho (cf. 4,26; 8,24.28.58; 13,19). É desse modo que João a interpreta, pois o grupo armado cai por terra diante da proclamação deste nome.
  - **Como o Bom Pastor** que dá a vida pelas suas ovelhas e enfrenta o lobo (cf. 10,11-15), Jesus sai ao encontro dos perseguidores e assegura que os seus possam ir embora livres: *“Se é, pois, a mim que procurais, deixai ir embora estes”*. Esse cuidado de Pastor do rebanho é claramente sublinhado por João na citação da frase que Jesus dissera: *“Daqueles que me deste, não perdi nenhum”* (17,12).
  - Deste modo, **Jesus revela-se senhor da situação**. Ele vai ser conduzido pelos soldados, mas, na realidade é ele que escolhe este caminho, para realizar o projeto de amor e vida do Pai.

- ◆ *<sup>10</sup>Então, Simão Pedro, que tinha uma espada, desembainhou-a e feriu o servo do sumo-sacerdote e cortando-lhe a orelha direita. O nome do servo era Malco. <sup>11</sup>Jesus disse a Pedro: Mete a espada na bainha! O cálice que o Pai me deu, não o hei de beber?. <sup>12</sup>Então a coorte, o comandante e os guardas dos judeus apoderaram-se de Jesus e manietaram-no.*
- Contrariamente a Jesus, que se entrega aos que o perseguem, **Pedro faz um esboço de resistência armada**. Deste modo, manifesta a sua adesão a Jesus, mas igualmente a sua incapacidade de entender o novo caminho que o Mestre propõe de não confiar a sua defesa às armas e à violência. Pedro continua na mesma atitude da ceia, com a recusa de deixar que Jesus entregue a sua vida por ele e por todos. Aí também se declarara disposto a dar a vida pelo Mestre e é isso que agora pretende fazer, puxando a espada. Mas o seu devotamento a Jesus ainda está ligado à ideologia do Messias violento. Diante de Pilatos, Jesus mesmo tornará isso muito claro: o seu poder real não se defende com as armas, pois a sua realeza não é deste mundo: *“se a minha realeza fosse deste mundo, os meus guardas teriam lutado para que Eu não fosse entregue”* (18,36). Pedro ainda continua ligado a um Messias “do mundo”.
  - A observação de Jesus a Pedro mostra exatamente o **paradoxo das defesas violentas** por parte dos seus discípulos: *“Mete a espada na bainha”*. A morte de Jesus é precisamente o contrário disso. Ele aceita a morte para não entrar no ciclo de violência que, desde sempre, tem inquinado a humanidade. Não pode haver um mundo justo e fraterno baseado na lei do mais forte.
  - É esse *“cálice”* (destino, projeto dramático) **que o Pai lhe propõe**. Deus não quer a morte do seu Filho, mas Jesus aceita esta morte, para mostrar que, do Pai, apenas vem o amor e a vida. Essa será a demonstração do amor autêntico e total: a vida oferecida, para que outros vivam.
  - Nesta cena, **Jesus manifesta claramente as suas opções e o projeto do Pai, como dom da vida e do amor**. Então, *“o comandante e os guardas dos judeus apoderaram-se de Jesus e manietaram-no”*. Daqui por diante, já não será ele a conduzir os acontecimentos. Esta é a hora do *“príncipe do mundo”* (cf. 12,31; 14,30; 16,11). Mas, paradoxalmente, no seu agir injusto e iníquo, permitirão que se revele o projeto renovador de Deus, na absoluta rejeição da violência e na afirmação do dom do amor e da vida: a glória de Jesus e do Pai.
  - **A rejeição da violência é uma pedra fundamental para entender os projetos de Deus** no mundo. Infelizmente, ao longo da história, muito sangue se derramou com a pretensa invocação do nome de Deus. Os discípulos de Jesus, como Pedro, muitas vezes, quiseram defender Deus com a espada, a violência, a tortura e a guerra. Essas atitudes estão absolutamente em contradição com o caminho de Jesus para o Pai e com a herança que deixa à sua Igreja.
  - Na leitura destes textos, **não podemos simplesmente a análise da violência das autoridades judaicas contra Jesus**, mas igualmente da imensa violência feita pretensamente em nome de Jesus contra os judeus ao longo da história. Hoje o verdadeiro Jesus, Filho de Deus, continua a dizer *“mete a espada na bainha”* a todos os que, invocando o seu nome, alguns por convicção, como Pedro, outros por pura manipulação e interesse, como Judas, discriminam, excluem, fazem sofrer e eliminam.

## 18,13-27 Jesus perante o tribunal judaico. As negações de Pedro

(Mt 26,58.69-75; Mc 14,54.66-72; Lc 22,54-62)

### TEXTO

**13** Levaram-no primeiro a Anás, pois era sogro de Caifás, que era o sumo-sacerdote naquele ano. **14** Caifás era quem tinha aconselhado aos judeus: «É melhor morrer um só homem pelo povo».

**15** Simão Pedro seguia Jesus, com outro discípulo. Este discípulo era conhecido do sumo-sacerdote e entrou com Jesus no pátio do sumo-sacerdote; **16** Pedro, porém, ficou fora, à porta. O outro discípulo – que era conhecido do sumo-sacerdote – saiu, falou com a porteira e fez Pedro entrar. **17** Então, a jovem porteira disse a Pedro: «Tu não és também um dos discípulos desse homem?». Disse ele: «Não sou». **18** Os servos e os guardas tinham feito um braseiro e estavam ali, de pé, a aquecer-se, porque estava frio. Pedro ficou também com eles a aquecer-se.

**19** Entretanto, o sumo-sacerdote interrogou Jesus acerca dos seus discípulos e do seu ensinamento. **20** Respondeu-lhe Jesus: «Eu falei abertamente ao mundo; sempre ensinei na sinagoga e no templo, onde se reúnem todos os judeus e nada disse em segredo. **21** Porque me interrogas? Interroga os que ouviram o que lhes disse; vê, eles sabem o que eu disse». **22** Quando disse isto, um dos guardas, que estava ali, deu uma bofetada a Jesus, dizendo: «É assim que respondes ao sumo-sacerdote?». **23** Retorquiu-lhe Jesus: «Se falei mal, demonstra onde está o mal; mas, se falei bem, porque me bates?». **24** Então Anás enviou-o manietado a Caifás, o sumo-sacerdote.

**25** Simão Pedro continuava de pé a aquecer-se. Disseram-lhe então: «Não és, também tu, um dos seus discípulos?». Ele negou e disse: «Não sou». **26** Disse um dos servos do sumo-sacerdote, familiar daquele a quem Pedro cortara a orelha: «Não te vi eu no jardim com Ele?». **27** Pedro negou de novo; e logo um galo cantou.

### COMENTÁRIO

- ◆ A narração da audiência de Jesus perante as autoridades judaicas (18,13-26) intercala cenas do interior da casa de Anás, onde Jesus é conduzido e do pátio externo onde Pedro fica a aquecer-se, juntamente com aqueles que tinham ido prender Jesus.

*Dentro: Introdução: diante de Anas (18,13-14)*

*Pátio: Primeira negação de Pedro (18,15-18)*

*Dentro: Interrogatório de Jesus (18,19-24)*

*Pátio: Segunda e terceira negação de Pedro (18,25-27)*

- ◆ A comparência de Jesus perante Anás **não recebe muita importância de João**. A condenação de Jesus já tinha sido decidida pelo Sinédrio em 11,47-54. Nem se narra o encontro com Caifás, o sumo sacerdote em exercício.
- ◆ A narração serve sobretudo para fazer refletir sobre os processos que levam a aderir a Jesus ou a rejeitá-lo e perseguir-lo.

### 18,13-14 *Jesus diante de Anás*

- ◆ *13 Levaram-no primeiro a Anás, pois era sogro de Caifás, que era o sumo-sacerdote naquele ano. 14 Caifás era quem tinha aconselhado aos judeus: É melhor morrer um só homem pelo povo.*
  - **A citação do conselho de Caifás** – “*Não compreendeis que é preferível para vós que morra um só homem pelo povo, e não pereça a nação inteira?*” (cf. 11,50) – dá o tom a toda a narração. Caifás, de quem não se narra alguma ação no processo de Jesus, fizera um cálculo político a partir da “razão de Estado”, que os grandes do mundo aduzem para reprimir as pessoas incômodas, em nome daquilo que consideram o “bem comum”.
  - Para o evangelista, este aviso tem outro sentido, **na linha das profecias**, que João Batista já anunciara apresentando Jesus como o Cordeiro de Deus, que liberta das escravidões e carrega sobre si as dores e culpas da multidão (cf. 1,36; Is 53,4ss): De facto, Jesus é eliminado por causa e em favor de outros. Mas, para além disso, através da sua morte, virá realmente a salvação do povo.

### 18,15-18 *Primeira negação de Pedro*

- ◆ *15 Simão Pedro seguia Jesus, com outro discípulo. Este discípulo era conhecido do sumo-sacerdote e entrou com Jesus no pátio do sumo-sacerdote; 16 Pedro, porém, ficou fora, à porta. O outro discípulo – que era conhecido do sumo-sacerdote – saiu, falou com a porteira e fez Pedro entrar.*
  - **Pedro insiste em seguir Jesus.** Durante a ceia, tinha declarado a sua prontidão para dar a vida por ele, mas Jesus preveniu-o da inconsistência da sua declaração. Quando Jesus foi preso, Pedro demonstra que o seu projeto de dar a vida está muito longe do de Jesus. Ele pensa numa empresa militar e quer morrer de armas na mão, uma atitude oposta à de Jesus. Segue o Mestre, mas o seu caminho está ainda longe de coincidir com o dele.
  - **Segundo a tradição**, o “*outro discípulo*”, é o “*discípulo amado*” que, na ceia, se inclinara sobre o peito de Jesus (13,25). É provavelmente aquele cujo nome não é mencionado e que juntamente com André, constituem os dois primeiros discípulos de Jesus (1,37-40). Estará, como figura do discipulado, junto à cruz (19,25-27.35), e aparecerá ainda em ligação com Pedro, após a ressurreição de Jesus, na visita ao túmulo vazio (20,1-10) e no encontro com o ressuscitado junto ao lago (21,20-24).
  - **A ligação entre os dois discípulos** tem um traço de semelhança, mas também de distinção. Quando aparece ao lado de Pedro, está do lado correto do discipulado, que reconhece Jesus, compreende e adere ao seu projeto, enquanto Pedro representa o caminho de compreensão lenta e difícil do discipulado. O discípulo amado, de quem nunca se diz o nome, é apresentado como o modelo do verdadeiro discipulado de Jesus.
  - **Aqui, o outro discípulo** “*entrou com Jesus no pátio do sumo-sacerdote*”, enquanto Pedro ficava fora, do mesmo modo que estará junto à cruz, enquanto que os outros discípulos debandam. É o mesmo discípulo que vem buscar Pedro e o leva para dentro, mas este fica ainda a aquecer-se, enquanto se dá a entender que o outro discípulo acompanhou Jesus para dentro, no local do testemunho e do julgamento.

- ◆ *17 Então, a jovem porteira disse a Pedro: Tu não és também um dos discípulos desse homem? Disse ele: Não sou. 18 Os servos e os guardas tinham feito um braseiro e estavam ali, de pé, a aquecer-se, porque estava frio. Pedro ficou também com eles a aquecer-se.*
  - **A primeira negação de Pedro**, tem lugar logo que entra no palácio de Anás. A pergunta da porteira coloca Pedro diante da necessidade de decidir a sua identidade perante Jesus: *“Tu não és também um dos discípulos desse homem?”* Ele falha redondamente – *“não sou”* – o que contrasta com a declaração identitária de Jesus: *“Eu sou”*. Certamente Pedro continua ainda disposto a dar a vida pelo Mestre, mas por caminhos distintos do dele. E esses caminhos são uma negação do ser discípulo: *“Não sou!”*.
  - **Pedro aproveita do “braseiro”**, que fizeram os soldados, para se aquecer também ele. Este termo aparece apenas duas vezes no NT: aqui e no reencontro de Jesus ressuscitado com os discípulos, preparando um “braseiro”, para acolhê-los (21,7). Aqui, junto a este braseiro dos soldados, Pedro nega Jesus três vezes. Junto ao outro braseiro, Jesus ressuscitado dar-lhe-á a possibilidade de afirmar o seu amor recriado ao Mestre e de aprender, assim, a dar a vida como o Bom Pastor.

#### 18,19-24 *Interrogatório de Jesus*

- ◆ *19 Entretanto, o sumo-sacerdote interrogou Jesus acerca dos seus discípulos e do seu ensinamento. 20 Respondeu-lhe Jesus: Eu falei abertamente ao mundo; sempre ensinei na sinagoga e no templo, onde se reúnem todos os judeus e nada disse em segredo. 21 Porque me interrogas? Interroga os que ouviram o que lhes disse; vê, eles sabem o que eu disse. 22 Quando disse isto, um dos guardas, que estava ali, deu uma bofetada a Jesus, dizendo: É assim que respondes ao sumo-sacerdote?. 23 Retorquiu-lhe Jesus: Se falei mal, demonstra onde está o mal; mas, se falei bem, porque me bates?. 24 Então Anás enviou-o manietado a Caifás, o sumo-sacerdote.*
  - A **cena contrasta com o que acaba de ser narrado sobre Pedro**. Este nega pertencer aos discípulos de Jesus e Jesus é interrogado sobre os seus discípulos. Também aqui, Jesus não denuncia ninguém, como não denunciara Judas durante a ceia e mandara e livres os discípulos no Jardim das Oliveiras.
  - João não regista uma palavra direta de Anás. **Não se trata de um verdadeiro processo**, que já foi feito e a sentença de morte proferida: *“Assim, a partir desse dia, tomaram a decisão de dar-lhe a morte”* (11,47-53). E aí, as causas da sentença são apenas de estratégia política e de razão de estado, e desrespeita a justiça e do direito.
  - **Jesus não responde**. Ele manifesta-se acima do tribunal e das suas questões. A sua mensagem é clara e pública, dirigida a todos, independentemente dos tribunais humanos. Não se trata de desrespeito pela legalidade, mas da afirmação de algo que deve servir de fundamento da Lei: a verdade/autenticidade das pessoas e dos processos. Jesus já tinha discutido muitas vezes com os mestres da autoridade e eles não aceitaram o essencial do que ele dizia de si próprio, como enviado e Filho de Deus, antes o consideraram blasfemo: *“vós pretendeis matar-me, a mim, um homem que vos comunicou a verdade que recebi de Deus”* (8,40). Por isso não aceita ser julgado por este tribunal. Condenando-o, é o tribunal que se desclassifica, pois deveria ter a verdade como a base das suas decisões.

- **Quanto aos discípulos**, Jesus ensinou-os a olhar criticamente para as instituições e a compará-las com o projeto de Deus. Ensinou-os a ser livres, na fiel obediência ao projeto libertador do Pai. Também com eles não exerce violência de nenhum gênero, mas apenas convite e a oferta do seu amor libertador.
- Por isso, **o julgamento de Jesus é, na realidade, o julgamento do tribunal** e dos pressupostos em que fundamenta. Efetivamente, o tribunal não produz nenhuma acusação. Apenas “*entrega*” Jesus ao tribunal romano.

### 18,25-27 Segunda e terceira negação de Pedro

- ◆ *25 Simão Pedro continuava de pé a aquecer-se. Disseram-lhe então: Não és, também tu, um dos seus discípulos? Ele negou e disse: Não sou. 26 Disse um dos servos do sumo-sacerdote, familiar daquele a quem Pedro cortara a orelha: Não te vi eu no jardim com Ele? 27 Pedro negou de novo, e imediatamente um galo cantou.*
- Enquanto Jesus dava testemunho perante o sinédrio, **Pedro continuava ainda ligado à sua mentalidade da grandeza messiânica**, “*a aquecer-se*” no braseiro dos soldados. Preso a essa lógica, a decisão de dar a vida não resiste. O seu distanciamento de Jesus acaba por reconfirmar-se com uma dupla negação. Só tem sentido dar a vida com Jesus, assumindo a mesma liberdade e confiança que vêm do Espírito de amor e de vida do Pai.
- **O canto do galo**, é a chamada à realidade e à palavra de Jesus: “*Em verdade, em verdade te digo: não cantará um galo, antes que me tenhas negado três vezes*” (13,38). Será pela aceitação dessa palavra que Pedro terá a oportunidade de fazer também uma tripla confissão de fé e de vida em Jesus e ao serviço da sua Igreja (21,15ss).

### 18,28-40 Jesus Perante o tribunal romano

(Mt 27,1-2.11-26; Mc 15,1-15; Lc 23,1-7.13-25)

#### TEXTO

### 18,28-32 Entrega de Jesus a Pilatos

**28** Levaram, então, Jesus, de Caifás para o pretório. Era de manhã cedo. Eles não entraram no pretório, para não se contaminarem e poderem comer a Páscoa. **29** Então Pilatos saiu ao encontro deles cá fora e disse: «Que acusação trazeis contra este homem?». **30** Eles responderam-lhe: «Se ele não fosse um malfeitor, não o teríamos entregado a ti». **31** Disse-lhes Pilatos: «Tomai-o vós e julgai-o segundo a vossa Lei». Disseram-lhe os judeus: «Não nos é permitido dar a morte a ninguém» – **32** assim se cumpria a palavra que Jesus dissera, indicando de que gênero de morte havia de morrer.

### 18,33-40 A realeza de Jesus

**33** Então Pilatos entrou de novo no pretório, chamou Jesus e disse-lhe: «Tu és o rei dos judeus?». **34** Respondeu-lhe Jesus: «Tu dizes isso por ti mesmo, ou foram outros que te disseram acerca de mim?». **35** Respondeu Pilatos: «Porventura sou eu judeu? O teu povo



e os chefes dos sacerdotes é que te entregaram a mim. Que fizeste?». **36** Respondeu Jesus: «O meu reino não é deste mundo. Se o meu reino fosse deste mundo, os meus guardas teriam lutado para que não fosse entregue aos judeus. Mas o meu reino não é daqui». **37** Disse-lhe, então, Pilatos: «Portanto, tu és rei?». Respondeu-lhe Jesus: «Tu o dizes: sou rei. Para isto eu nasci e para isto vim ao mundo: para dar testemunho da verdade. Todo aquele que é da verdade escuta a minha voz». **38** Disse-lhe Pilatos: «O que é a verdade?».

E tendo dito isto, saiu novamente ao encontro dos judeus e disse-lhes: «Eu não encontro nele culpa alguma. **39** Mas é vosso costume que eu vos liberte alguém na Páscoa. Quereis que vos liberte o rei dos judeus?». **40** Gritaram, então, novamente, dizendo: «Esse não, mas Barrabás!». Ora, Barrabás era um salteador.

### 19,1-8 *Jesus escarnecido como rei*

(Mt 27,26-31; Mc 15,15-20)

**19,1** Pilatos tomou, então, Jesus e mandou açoitá-lo. **2** Os soldados, entrelaçando uma coroa de espinhos, puseram-na na cabeça de Jesus e envolveram-no num manto de púrpura; **3** depois, aproximavam-se dele e diziam: «Salve, ó rei dos judeus!», e davam-lhe bofetadas.

**4** Pilatos saiu novamente cá fora e disse-lhes: «Eis que vo-lo trago aqui fora, para que saibais que não encontro nele culpa alguma». **5** Jesus saiu, então, para fora, trazendo a coroa de espinhos e o manto de púrpura. E Pilatos disse-lhes: «Eis o homem!». **6** Quando o viram, os chefes dos sacerdotes e os guardas gritaram: «Crucifica-o! Crucifica-o!». Disse-lhes Pilatos: «Tomai-o vós e crucificai-o, pois eu não encontro nele culpa alguma». **7** Responderam-lhe os judeus: «Nós temos uma Lei e, segundo a Lei, deve morrer, porque se fez Filho de Deus». **8** Quando Pilatos ouviu estas palavras, com mais medo ficou.

### 19,9-16 *Condenação de Jesus*

**9** Entrou de novo no pretório e disse a Jesus: «De onde és Tu?». Mas Jesus não lhe deu resposta. **10** Disse-lhe, então, Pilatos: «Não me falas? Não sabes que tenho poder para te libertar e tenho poder para te crucificar?». **11** Respondeu-lhe Jesus: «Não terias poder algum sobre mim, se não te tivesse sido dado do alto. Por isso, quem me entregou a ti tem maior pecado». **12** A partir desse momento, Pilatos procurava libertá-lo. Os judeus, porém, gritaram: «Se o libertares, não és amigo de César; todo aquele que se faz rei é contra César».

**13** Então Pilatos, ao ouvir estas palavras, levou Jesus para fora e sentou-se no tribunal, no lugar chamado Lajedo, em hebraico «Gabbatá». **14** Era o dia da Preparação da Páscoa, por volta da hora sexta. Disse ele aos judeus: «Eis o vosso rei». **15** Mas eles gritaram: «Fora! Fora! Crucifica-o!». Disse-lhes Pilatos: «Hei de crucificar o vosso rei?». Responderam os chefes dos sacerdotes: «Não temos rei senão César». **16** Então Pilatos entregou-lhes Jesus para ser crucificado.

## COMENTÁRIO

- ◆ O processo de Jesus perante o procurador romano compõe-se de cenas alternadas de diálogos de Jesus com o procurador, dentro, no pretório, e de outros entre o procurador e as autoridades e populares judeus, no pátio exterior (Gabbatá).
- ◆ Tematicamente, podemos distinguir 4 unidades, cada uma com uma cena de Jesus a sós com Pilatos no interior e outra no pátio com os chefes e a multidão por eles convocada:
  - 18,28-40 Entrega de Jesus a Pilatos*
  - 18,33-40 A realeza de Jesus*
  - 19,1-8 Jesus escarnecido como rei*
  - 19,9-16a Condenação de Jesus*
- ◆ **Jesus responde ao procurador, mas não diretamente** às suas perguntas, nem em estilo de defesa, mas como expressão da mesma liberdade e coerência que revelara perante a autoridade judaica. No entanto, expõe o que é fundamental para entender a sua atitude e testemunhar o projeto do Pai.
- ◆ A narração preocupa-se de deixar claro que **não existe um motivo acusatório válido** para o pedido de pena de morte. Mas, também Pilatos, por razões políticas, como as autoridades judaicas, acaba por determinar a morte de Jesus.

**18,28-32 ENTREGA DE JESUS A PILATOS**

(Mt 27,1-2.11-26; Mc 15,1-15; Lc 23,1-7.13-25)

- ◆ *28 Levaram, então, Jesus, de Caifás para o pretório. Era de manhã cedo. Eles não entraram no pretório, para não se contaminarem e poderem comer a Páscoa.*
  - A **pressa das autoridades judaicas** para apresentar a causa ao procurador romano, logo pela manhã revela a importância que atribuem ao caso e a oportunidade de apresentá-lo àquele que tinha o poder exclusivo de condenar alguém à morte.
  - *“Era de manhã cedo”* do **sexto dia da semana final de Jesus** na terra, iniciada com a unção de Jesus em Betânia (12,1). Recorde-se que, no início João conta igualmente uma semana que converge para o primeiro sinal – as bodas em Caná – que aponta para a *“Hora”* do dom total da vida (2,1ss). Este é esse dia, o sexto dia, que, no primeiro relato das origens, corresponde à criação do homem e da mulher à imagem de Deus. Este é o dia em que nasce o Homem Novo e a nova humanidade regenerada pelo Espírito.
  - Era também **a véspera da Páscoa**. A partir do meio-dia, seriam imolados os cordeiros no templo, para que as famílias pudessem celebrar a Páscoa. Para tal tinham de estar em estado de pureza legal, o que era incompatível com a entrada numa casa pagã. A nova Páscoa, porém não terá lugar no templo, mas no mundo novo, para além de todas as fronteiras e de todos os confrontos de poderes que dividem e destroem a humanidade.
  - Entre **as autoridades judaicas e os representantes do império romano** na Palestina, havia um relacionamento complicado, feito de animosidade, mas igualmente de defesa de interesses comuns de poder e proveito. No processo de Jesus esse jogo político está bem em evidência e Jesus é vítima desses jogos de poder. O uso da *“coorte”* romana foi já um dado importante de colaboração interesseira entre as duas partes.

- ◆ *29 Então Pilatos saiu ao encontro deles cá fora e disse: Que acusação trazeis contra este homem? 30 Eles responderam-lhe: Se ele não fosse um malfeitor, não o teríamos entregado a ti. 31 Disse-lhes Pilatos: Tomai-o vós e julgai-o segundo a vossa Lei. Disseram-lhe os judeus: Não nos é permitido dar a morte a ninguém – 32 assim se cumpria a palavra que Jesus dissera, indicando de que género de morte havia de morrer.*
- A vinda de Pilatos “*cá fora*” é uma **condescendência para com os costumes judaicos**, em atenção à celebração da Páscoa. A primeira pergunta de Pilatos centra-se sobre a acusação movida contra Jesus e a resposta apresenta Jesus como “*malfeitor*”, um operador de mal. O Conselho tinha reconhecido que Jesus operava muitos sinais (11,47), mas esse operar como revelação da libertação de Deus é qualificado como perigoso e um crime (fazer o mal).
  - Inicialmente **Pilatos recusa-se a entrar na questão e quer que seja a autoridade judaica a julgar “segundo a vossa lei”**. A resposta dos chefes dos sacerdotes revela a sua vontade de pedir a morte de Jesus, o que não lhes é permitido aplicar autonomamente: “*Não nos é permitido dar a morte a ninguém*”. As autoridades empurram para os romanos a decisão penal, pois sabem, como dizia Nicodemos, que não poderiam condená-lo num processo formal segundo a lei judaica (7,51).
  - Segundo o evangelista, **Jesus sabia que as suas atitudes iam levar a uma oposição feroz e à sua morte violenta**, mas que esse era o caminho para a revelação do projeto de Deus que libertasse o homem da violência e da morte (cf. 3,14s; 8,28; 12,32-34; 13,31s). Jesus revela-se consciente e senhor da situação. A sua comparência diante de Pilatos, faz também parte do projeto de Deus, tanto pela exposição da maldade do processo, como pela revelação total do amor de Deus.
  - A **implicação de judeus e pagãos no processo** da morte de Jesus torna claro que a responsabilidade e os benefícios desta morte não têm carácter étnico, mas que a sua morte não seria “*apenas pelo povo [de Israel], mas para reunir todos os filhos de Deus dispersos*” (11,52).

### 18,33-40 A REALEZA DE JESUS

- ◆ *33 Então Pilatos entrou de novo no pretório, chamou Jesus e disse-lhe: Tu és o rei dos judeus? 34 Respondeu-lhe Jesus: Tu dizes isso por ti mesmo, ou foram outros que te disseram acerca de mim? 35 Respondeu Pilatos: Porventura sou eu judeu? O teu povo e os chefes dos sacerdotes é que te entregaram a mim. Que fizeste? 36 Respondeu Jesus: O meu reino não é deste mundo. Se o meu reino fosse deste mundo, os meus guardas teriam lutado para que não fosse entregue aos judeus. Mas o meu reino não é daqui.*
- **Pilatos decide interrogar pessoalmente Jesus** e começa pela acusação subjacente a todo o processo, interpretado do ponto de vista das autoridades: “*Tu és o rei dos judeus?*” O verdadeiro título messiânico é “*Rei de Israel*”, já proclamado por Nataniel (1,49) e aclamado pela multidão, no ingresso solene de Jesus em Jerusalém (12,13). Pilatos não faz distinção entre as duas realidades, até porque a noção de Israel como entidade política, está desmembrada em vários reinos e entidades administrativas do império. Provavelmente o

título de rei não preocupava o procurador, pois o entendia como uma questão religiosa interna dos judeus.

- **Jesus responde com outra pergunta**, que indaga sobre o sentido que Pilatos dá à palavra “rei”: *“dizes isso por ti mesmo, ou foram outros que te disseram de mim?”* Pilatos insiste: não quer entrar nas questões internas dos judeus, mas interessa-o saber o que anda Jesus a fazer que motiva a acusação das autoridades judaicas, com as quais ele não simpatiza. Pilatos conhece toda a recente história ligada ao messianismo judaico e das revoltas que têm surgido com esta motivação. Não lhe interessam os títulos, mas a atividades de Jesus: *“Que fizeste?”*
- De novo, **Jesus não responde diretamente, mas explica**: *“O meu reino não é deste mundo”*. O procurador não tem de se preocupar com um possível concorrente ao império. O termo “reino” pode ser entendido de várias formas nos evangelhos:
  - a) com um sentido espacial-geográfico: o reino de Israel;
  - b) como uma realidade social, identitária e espiritual: realeza, senhoria;
  - c) como a realização plena do projeto de Deus: o reino escatológico, na plenitude dos tempos.
- Aqui são **as duas últimas interpretações que estão em causa**. Jesus não diz que esta sua realeza não está presente no mundo, mas sim que não é realizada ao modo do mundo e não se resume ao mundo.
- E a primeira consequência é que **não se apoia nem se impõe pela força militar**: *“Se o meu reino fosse deste mundo, os meus guardas teriam lutado para que não fosse entregue aos judeus”*. Este tinha sido sempre um princípio de Jesus, que também Pedro e os discípulos tinham ainda dificuldade em entender (18,10s). Os que aderem à realeza de Jesus fazem-no livremente e qualquer uso da violência para construir ou manter o seu reino perverte-o radicalmente.

◆ *37 Disse-lhe, então, Pilatos: Portanto, tu és rei? Respondeu-lhe Jesus: Tu o dizes: sou rei. Para isto eu nasci e para isto vim ao mundo: para dar testemunho da verdade. Todo aquele que é da verdade escuta a minha voz. 38 Disse-lhe Pilatos: O que é a verdade?*

- Pilatos insiste: *“Portanto, tu és rei?”*. **A resposta de Jesus** – *“Tu o dizes”* – pode ter várias traduções. Muitos traduzem as duas frases com sentido adversativo: “tu é que dizes que eu sou rei. (Mas) para isto eu nasci e para isto vim ao mundo: para dar testemunho da verdade”.
- No entanto, não é este o mais comum sentido da frase e nem o que melhor se insere no contexto. Neste contexto, o *“tu o dizes”*, **significa aceitação do título, mas também uma distinção**, pois Jesus não entende a noção de rei do mesmo modo que Pilatos. Por isso faz imediatamente a sua interpretação da sua realeza: *“Para isto eu nasci e para isto vim ao mundo: para dar testemunho da verdade. Todo aquele que é da verdade escuta a minha voz”*. A realeza de Jesus não é simplesmente humana e terrestre, mas tem outra origem: *“vim ao mundo”*.
- **O seu objetivo não é impor-se ou subjugar**, como faz o imperador, mas *“dar testemunho da verdade”*, isto é, revelar, propor o projeto verdadeiro e fiel de Deus, de dar a vida. Quem se abre a essa manifestação do mundo novo de Deus escuta a voz de Jesus. É deste modo livre e jubiloso que se exerce e cresce a realeza de Jesus.

- **Jesus é aquele que conhece o Pai e o seu projeto de vida** para a humanidade. Por isso fala com verdade do Pai e do seu desígnio de salvação. Este mundo, como o de Pilatos, vive da ânsia de dominar e viver à custa dos outros povos. As autoridades judaicas perverteram o dom precioso de Deus e sujeitaram-no aos seus critérios de uma verdade subjugada aos seus interesses. Jesus vem do Pai e pode dar testemunho (revelar com a vida) da autenticidade-verdade do Pai.
  - **Pilatos não está interessado no discurso de Jesus.** Ele é um homem de armas, habituado a lidar com a realidade e a resolvê-la em termos do poder das armas ou das manobras políticas. Jesus parece-lhe tão inofensivo como insignificante para o seu mundo. Provavelmente com algum fastio encerra o diálogo com uma pergunta retórica cujo alcance tem sido muito discutido: *“O que é a verdade?”*
- ◆ *E tendo dito isto, saiu novamente ao encontro dos judeus e disse-lhes: Eu não encontro nele culpa alguma. 39 Mas é vosso costume que eu vos liberte alguém na Páscoa. Quereis que vos liberte o rei dos judeus? 40 Gritaram, então, novamente, dizendo: Esse não, mas Barrabás!. Ora, Barrabás era um salteador.*
- **Pilatos, convencido da inocência de Jesus, sai de novo e vai ter com os judeus** reunidos e propõe-lhes uma forma de libertar Jesus, de acordo com o costume de libertar, pela Páscoa, um prisioneiro pedido pelo povo.
  - Mas a proposta **depara com a oposição tumultuosa da multidão** que grita um outro nome em lugar de Jesus, o de Barrabás, um salteador. A escolha é bem a imagem da manipulação completa da justiça e dos valores, para assegurar o poder. Em lugar da oferta de vida de Jesus, a multidão pede a libertação de um salteador que atenta contra a vida.
  - **A ironia** é que a oferta de Pilatos tinha como objetivo, libertar um prisioneiro pela Páscoa, a festa de libertação do Egito. Jesus apresenta-se com libertador do sistema opressor instalado, tanto a nível de Israel como do império romano. Por isso, o sistema quer a sua supressão, mesmo a custo de libertar um salteador e espoliador.

### 19,1-8 JESUS ESCARNECIDO COMO REI

(Mt 27,26-31; Mc 15,15-20)

- ◆ *19,1 Pilatos tomou, então, Jesus e mandou açoitá-lo. 2 Os soldados, entrelaçando uma coroa de espinhos, puseram-na na cabeça de Jesus e envolveram-no num manto de púrpura; 3 aproximavam-se dele e diziam: Salve, ó rei dos judeus! E davam-lhe bofetadas.*
- **Da parte de Pilatos, a atitude não é melhor. Manda açoitar Jesus**, um castigo destruidor dos romanos, que deixava a vítima exangue e com feridas muito graves. Normalmente, esta tortura era aplicada aos condenados à morte, depois da sentença. Aqui, Pilatos inflige-a antes, possivelmente com a intenção de apaziguar a multidão para poder libertar Jesus.
  - **Os soldados** tinham por hábito piorar a situação dos condenados à cruz, organizando rituais sangrentos para se divertirem à custa deles e fazer troça da sua trágica situação. É esse ritual de violência gratuita que se abate sobre Jesus. A coroa de espinhos, o manto de púrpura e a vara, as vénias e as bofetadas fazem parte do escárnio da realeza que Jesus proclamara.

- **Jesus não protesta** pela injustiça e pelo abuso. É a vítima do poder violento e assassino, como diz o profeta Isaías: *“O Senhor fez cair sobre ele a iniquidade de nós todos. Ele foi oprimido, mas não abriu a boca; como um cordeiro, foi levado ao matadouro e, como a ovelha muda perante os seus tosquiadores, ele não abriu a boca”* (Is 53,6s).
  - João é muito sóbrio sobre a descrição. **Não pretende suscitar compaixão, mas mostrar o paradoxo do sistema de violência** que leva à orgia da morte. A burla dos soldados mostra a recusa de Jesus em relação a esses adereços do poder. A realeza de Jesus não se apoia nesse tipo de poder. Passando pelo abismo da violência e da crueldade humana, afirma a superioridade do amor e da verdade, que revela a glória da vida e da possibilidade de um mundo diferente.
- ◆ *4 Pilatos saiu novamente cá fora e disse-lhes: Eis que vo-lo trago cá fora, para que saibais que não encontro nele culpa alguma. 5 Jesus saiu, então, para fora, trazendo a coroa de espinhos e o manto de púrpura. E Pilatos disse-lhes: Eis o homem! 6 Quando o viram, os chefes dos sacerdotes e os guardas gritaram: Crucifica-o! Crucifica-o! Disse-lhes Pilatos: Tomai-o vós e crucificai-o, pois eu não encontro nele culpa alguma. 7 Responderam-lhe os judeus: Nós temos uma Lei e, segundo a Lei, deve morrer, porque se fez Filho de Deus. 8 Quando Pilatos ouviu estas palavras, com mais medo ficou.*
- **Pilatos faz mais uma tentativa de libertar Jesus.** Manda-o sair, com a coroa e o manto da burla real e maltratado pelos soldados. E apresenta-o: *“Eis o Homem!”*. O significado desta apresentação de Jesus é discutido entre os intérpretes. Poderia ser uma tentativa de mover os interlocutores à compaixão pela torturada figura de Jesus. Outros propõem que seja uma apresentação alusiva ao Filho do Homem de Daniel, uma vez que Jesus assim se apresenta várias vezes no evangelho.
  - Estas e outras interpretações trazem **perspetivas importantes para interpretar** um gesto que continua sobretudo a requerer que se pare diante dele e se pense. No estilo de João, certamente tem uma dimensão simbólica, a partir dos trajes de realeza escarnecida e torturada, da convicção de inocência que tem Pilatos e da sua vontade de libertar Jesus, mas sobretudo daquilo que o evangelho vem revelando sobre sua vida e missão.
  - **Na boca de Pilatos**, Jesus é um rei sem valor, que se deixou apanhar e escarnecer. Não tem autoridade nem constitui perigo: é apenas um homem banal e descartável. Nele o império do poder e da violência já descarregou toda a força coerciva e humilhante, reduzindo-o à insignificância humana.
  - **Na perspetiva do Evangelho**, porém, precisamente essa insignificância é que é importante e decisiva. É, antes de mais a absoluta insignificância humana que o Filho de Deus assumiu, como Filho do Homem, chegando à mais completa impotência, humilhação e sofrimento, às mãos dos que se julgam poderosos, diante dos homens e de Deus. Isto é o que este sistema de poder sabe fazer do “Homem”, ao ser humano.
  - Mas, **diante de Deus**, essa é a imagem de ser humano à imagem de Deus, que este Homem-Jesus vem resgatar. **É neste Homem que se revela o verdadeiro poder de compadecer-se**, de assumir as dores dos outros, de resgatar uma humanidade insensível e autocentrada. Este Homem é dado, mostrado a todos. As suas feridas, o seu sangue e os burlescos trajes com que o quiseram humilhar são, preciosos indumentos de misericórdia, de atenção de carinho e amor, que brotam como flor no meio de uma fétida e imunda puçanga. Este é o

paradoxal nascimento de uma humanidade nova; este é o Homem Novo, imagem do amor do Pai e da força regeneradora do seu Espírito.

- Mas **a imagem completamente torturada de Jesus não suscita compaixão**. Prevalece a ambição de abater os adversários políticos e os que anseiam por uma real verdade no relacionamento com Deus que ponham em causa o poder de quem manda e controla. Por isso, pedem claramente a cruz e a morte. Pilatos ainda tenta que eles tomem o caso e o resolvam, mas eles usam, pela primeira vez um argumento que pode constituir uma acusação, a blasfêmia: *“Nós temos uma Lei e, segundo a Lei, deve morrer, porque se fez Filho de Deus”*. Esta é a razão pela qual os chefes o entregaram a Pilatos.
- **O procurador ficou com medo**. Os chefes têm medo de Jesus, da sua integralidade que não se deixa vergar às suas jogadas, mas pensam sobretudo na própria popularidade e no sucesso da própria carreira; o representante do império tem medo dos chefes... Só Jesus não deu sinais de medo.

### 19,9-16A CONDENAÇÃO DE JESUS

- ◆ *9 Entrou de novo no pretório e disse a Jesus: De onde és Tu? Mas Jesus não lhe deu resposta. 10 Disse-lhe, então, Pilatos: Não me falas? Não sabes que tenho poder para te libertar e tenho poder para te crucificar? 11 Respondeu-lhe Jesus: Não terias poder algum sobre mim, se não te tivesse sido dado do alto. Por isso, quem me entregou a ti tem maior pecado. 12 A partir desse momento, Pilatos procurava libertá-lo. Os judeus, porém, gritaram: Se o libertares, não és amigo de César; todo aquele que se faz rei é contra César.*
- Pela última vez Pilatos confronta-se com Jesus a sós no pretório, mas **Jesus não parece impressionado, nem sequer lhe responde**. Os papéis já estavam invertidos desde o início do processo, mas agora torna-se evidente que quem está a ser julgado é o tribunal e o sistema condenatório, tanto das autoridades romanas como judaicas. Quando “o Homem” é colocado nesta situação de sofrimento, tortura e humilhação, são os juízes que estão a ser julgados e o tribunal revela-se com uma tentativa de esconjurar o medo.
- **Pilatos menciona o seu poder**: *“tenho poder para te libertar e tenho poder para te crucificar”*, para reduzir ainda mais Jesus à sua insignificância e dependência dos poderosos, mas isso é que Jesus não aceita. Ele é o único que é livre, porque só tem um Senhor, que não é desta terra e nunca humilha ninguém; é “do alto”: *“Não terias poder algum contra mim, se não te tivesse sido dado do alto”*. Do “alto” é de onde nasce o Homem Novo, segundo a revelação de Jesus a Nicodemos (3,3; 31-36), mas nenhuma destas sedes de poder se preocupa com isso.
- Certamente **mais para afirmar a sua autoridade periclitante, do que por motivos de real justiça**, Pilatos procura livrar Jesus. Mas, lá dentro, ouve o clamor do pátio exterior com o argumento mais sensível para o seu poder e a sua carreira: *“Se o libertares, não és amigo de César; todo aquele que se faz rei opõe-se a César”*. E, aí, o sistema revela toda a sua injustiça, corrupção e maldade. Não está em vista a justiça “do alto”, nem o valor de “o Homem”, mas os jogos mesquinhos e corruptos do poder humano, efémero, destruidor e assassino.

- ◆ **13** Então Pilatos, ao ouvir estas palavras, levou Jesus para fora e sentou-se no tribunal, no lugar chamado Lajedo, em hebraico «Gabbatá». **14** Era o dia da Preparação da Páscoa, por volta da hora sexta. Disse ele aos judeus: «Eis o vosso rei». **15** Mas eles gritaram: «Fora! Fora! Crucificai-o!». Disse-lhes Pilatos: Hei de crucificar o vosso rei?. Responderam os chefes dos sacerdotes: «Não temos rei senão César». **16** Então Pilatos entregou-lhes Jesus para ser crucificado.
- Finalmente **Pilatos fez por assumir a sua função de juiz** e “*sentou-se no tribunal*”, para dar a sentença. Senta-se no tribunal, mas já abdicou do seu poder de julgar, por interesse próprio e por medo dos chefes judaicos, por falta da verdade que Jesus lhe mencionara. O que João diz significa a demissão total da justiça humana, na atitude de Pilatos: “*entregou-lhes Jesus para que fosse crucificado*”. Todo o processo de Jesus revela uma sequência de entregas que termina num genérico “*entregou-lhes*” que encerra todos os intervenientes e acaba nas mãos dos profissionais executores da morte.
  - **Do lado dos chefes judaicos a falência não é menor.** Deveriam ser instrumentos do poder “do Alto”, mas venderam-se aos seus próprios interesses e colocaram-se no lugar de Deus. Jesus denunciara esta situação desde o início, com o seu gesto no templo, pois tinham-se apossado da casa de Deus. Agora concluem o seu percurso, matando o Filho do dono da vinha (cf. Mc 12,12 e par.).
  - **A corrupção do sistema político e religioso** mostra-se na negociação de interesses que significa a completa negação da própria verdade: Pilatos deve obediência a César, mas oferece aos chefes um rei: “*Hei de matar o vosso rei?*”. Os chefes, por seu lado, negam a sua condição de servos de Deus, para serem servos do imperador: “*Não temos rei senão César*”.
  - Esta é **a radiografia de qualquer sistema religioso que se separa de Deus para se tornar sede de poder, de violência e de interesse.** É o que faz mais mal à humanidade, porque lhe rouba a suprema esperança porque o “homem”, na sua fragilidade e angústia, em lugar de ser objeto de compaixão, cuidado e carinho, torna-se ainda motivo de troça, de jogos de influência e poder e de encarniçamento violento, porque a injustiça e a miséria mostrarão sempre a iniquidade do poder que não esteja ao serviço do amor e da vida.
  - **O processo de Jesus não pode ser usado para fazer processos igualmente injustos aos judeus.** Infelizmente, ao longo da história a leitura destes textos foi utilizada em processos de perseguição, humilhação, tortura e morte de milhões de Jesus às mãos de gente que se diz cristã e pretensamente em nome de Jesus. É a maior blasfêmia que se pode conceber! Esse Homem imolado continua a dizer, como a Pedro: “*Mete a espada na bainha*”.
  - Mas, **outra melodia se sente por detrás desta orgia de violência corrupção e morte**, com a qual João sugere uma leitura nova de todo o processo: “*Era o dia da Preparação da Páscoa, por volta da hora sexta*”, isto é, pelo meio-dia. Era a festa por excelência dos judeus, mas agora, esta é a Páscoa de Jesus. A “*hora sexta*” recorda o tema da hora da glorificação, que já teve início com a chegada de Jesus a Jerusalém (cf. 12,27; 13,1.31;17,1) e que, agora, se encontra em pleno desenvolvimento, com a condenação de Jesus à morte. Longe de ser o fim da missão de Jesus, este processo doloroso mostrará a totalidade do amor salvador de Deus, a sua glória em Cristo.
  - Ao meio-dia desta véspera da grande festa, **começava a imolação de milhares de cordeiros no templo.** É quando tem início a imolação de Jesus como “*Cordeiro de Deus*” (1,36), segundo a apresentação de João Batista, que relembra o cordeiro da libertação do êxodo



(Ex 12,1ss) e dos cânticos do Servo do Senhor (Is 52,13-53,12). A Páscoa de Jesus relembra tudo esse percurso histórico e espiritual. Mas, agora, é a Nova Páscoa, na qual o próprio Filho de Deus que se torna Cordeiro que liberta de todas as escravidões e carrega todas as dores e culpas, para dar origem a uma nova humanidade.

## **19,16b-42** *Crucificação e morte e sepultura de Jesus*

(Mt 27,31.33.37s; Mc 15,20.22.25-27; Lc 23,33.38)

### TEXTO

#### *19,16b-22 Crucifissão de Jesus*

Apoderaram-se, pois, de Jesus; **17** e carregando ele próprio a cruz, saiu para o chamado “Lugar da Caveira”, que em hebraico se diz “Gólgota”, **18** onde o crucificaram e, com ele, outros dois, um de cada lado, e Jesus no meio.

**19** Pilatos escreveu também um lereiro e colocou-o sobre a cruz, onde estava escrito: «Jesus, o nazareno, o rei dos judeus». **20** Muitos dos judeus leram este lereiro, porque o lugar onde Jesus foi crucificado era perto da cidade; e estava escrito em hebraico, latim e grego. **21** Diziam, então, a Pilatos os chefes dos sacerdotes dos judeus: «Não escrevas: "O rei dos judeus", mas que Ele disse: "Sou rei dos judeus"». **22** Respondeu Pilatos: «O que escrevi, está escrito».

#### *19,23-24 Repartição das vestes de Jesus*

(Mt 27,35; Mc 15,24; Lc 23,34)

**23** Então os soldados, depois de crucificarem Jesus, tomaram as suas vestes e fizeram quatro partes – uma parte para cada soldado – e tomaram também a túnica. A túnica era sem costura, tecida num todo, do alto a baixo. **24** Disseram, então, uns aos outros: «Não a dividamos, mas tiremos à sorte quem ficará com ela»; isto para que se cumprisse a Escritura, que diz: *Repartiram entre si as minhas vestes e lançaram sortes sobre a minha túnica*. E os soldados fizeram isso mesmo.

#### *19,25-27 A nova comunidade: a Mãe e o Discípulo Amado*

(Mt 27,55s; Mc 15,40s; Lc 23,49)

**25** Junto à cruz de Jesus, estavam de pé a sua Mãe, a irmã da sua Mãe, Maria, mulher de Clopas, e Maria Madalena. **26** Então Jesus, vendo a Mãe e, junto dela, o discípulo que amava, disse à Mãe: «Mulher, eis o teu filho». **27** Depois disse ao discípulo: «Eis a tua Mãe». E, a partir daquela hora, o discípulo recebeu-a em sua casa.

#### *19,28-30 Jesus morre na cruz*

(Mt 27,48-50; Mc 15,36s; Lc 23,46)

**28** Depois disto, sabendo Jesus que, agora, tudo estava consumado, para que se cumprisse a Escritura, disse: «Tenho sede!». **29** Estava ali um vaso cheio de vinagre; pondo, então,

uma esponja cheia de vinagre num ramo de hissopo, levaram-lha à boca. **30** Quando tomou o vinagre, Jesus disse: «Está consumado!». E, inclinando a cabeça, entregou o espírito.

*19,31-37 O sangue e a água, dom do Espírito para a humanidade nova*

**31** Os judeus, visto que era a Preparação, para que os corpos não permanecessem na cruz durante o sábado – era um grande dia o daquele sábado – pediram a Pilatos que se lhes quebrasse as pernas e fossem retirados. **32** Vieram, então, os soldados e quebraram as pernas ao primeiro e ao outro que tinha sido crucificado com ele. **33** Mas, ao chegarem a Jesus, como o viram já morto, não lhe quebraram as pernas. **34** No entanto, um dos soldados trespassou-lhe o lado com uma lança; e logo saiu sangue e água.

**35** Aquele que viu dá testemunho, e o seu testemunho é verdadeiro; e ele sabe que diz a verdade, para que também vós acrediteis. **36** De facto, estas coisas aconteceram para que se cumprisse a Escritura: *Nenhum osso lhe será quebrado*. **37** E outra passagem da Escritura diz ainda: *Olharão para aquele que trespassaram*.

*19,38-42 Sepultura de Jesus*

*(Mt 27,57-61; Mc 15,42-47; Lc 23,50-56)*

**38** Depois disto, José de Arimateia, que era discípulo de Jesus – embora em segredo, por medo dos judeus –, pediu a Pilatos para retirar o corpo de Jesus. Pilatos permitiu-lho. Veio, então, e retirou o seu corpo. **39** Veio também Nicodemos, o que anteriormente tinha ido ter com Jesus de noite, trazendo uma mistura de mirra e aloés, de quase cem libras. **40** Tomaram, então, o corpo de Jesus e envolveram-no em ligaduras de linho, juntamente com os aromas, tal como entre os judeus é costume sepultar. **41** Ora, no lugar onde tinha sido crucificado, havia um jardim, e no jardim um sepulcro novo, no qual ainda ninguém tinha sido posto. **42** Foi aí, por causa da Preparação dos judeus, porque o sepulcro ficava perto, que puseram Jesus.

## COMENTÁRIO

### **19,16B-22 CRUCIFIXÃO DE JESUS**

*(Mt 27,31.33.37s; Mc 15,20.22.25-27; Lc 23,33.38)*

- ◆ *Apoderaram-se, pois, de Jesus; 17 e carregando ele próprio a cruz, saiu para o chamado “Lugar da Caveira”, que em hebraico se diz “Gólgota”, 18 onde o crucificaram e, com ele, outros dois, um de cada lado, e Jesus no meio.*
- João começa a narração dos atos finais e determinantes da vida de Jesus com o **mostrar a ação daqueles a quem Pilatos entregou Jesus**: *“Apoderaram-se, pois, de Jesus”*. Não se diz quem, mas o contexto e a sequência indicam que sejam os soldados romanos. A ação

deixou de ser simplesmente judaica, para ter uma expressão imperial, universal, tanto na responsabilidade da morte, como nos seus efeitos salvíficos.

- O quarto evangelho é muito parco em palavras, seja no caminho da cruz, seja na crucifixão. **Não pretende mover ao sentimento e à compaixão**, mas sublinhar o papel livre e soberano de Jesus que, mesmo subjogado pelos soldados, manifesta a realização do projeto de Deus.
  - **É Jesus que carrega a cruz onde vai ser levantado e glorificado**. Não se menciona o homem de Cirene, nem o encontro com as mulheres ou a mãe. A atenção fixa-se em Jesus e no significado do evento fundamental, no calvário. À primeira vista, toda a cena é de cruel vitória do “príncipe do mundo”, mas o que se revela é a vitória sobre as forças que destroem a humanidade e glorificação de Deus e do seu Filho.
  - **Foram crucificados “outros dois”**, junto com Jesus, à direita e à esquerda, ficando ele “*no meio*”. Estes não têm nome, nem são classificados como “ladrões” ou malfeitores, como nos sinóticos. São simplesmente pessoas representativas da humanidade, no meio da qual o Verbo veio habitar. A morte de Jesus representa a situação de toda a humanidade, mas, no seio dela (no meio) levanta-se agora uma cruz que transforma o sentido das cruzes.
- ◆ *19 Pilatos escreveu também um letreiro e colocou-o sobre a cruz, onde estava escrito: “Jesus, o nazareno, o rei dos judeus”. 20 Muitos dos judeus leram este letreiro, porque o lugar onde Jesus foi crucificado era perto da cidade; e estava escrito em hebraico, latim e grego. 21 Diziam, então, a Pilatos os chefes dos sacerdotes dos judeus: Não escrevas: “O rei dos judeus”, mas que Ele disse: “Sou rei dos judeus”. 22 Respondeu Pilatos: O que escrevi, está escrito.*
- O sentido antropológico e salvífico do crucificado é também realçado pelo sentido histórico, cultural-político. “*Pilatos escreveu um letreiro*” (titlon) que colocou sobre a cruz: “*Jesus, o nazareno, o rei dos judeus*”. Apesar dos protestos, Pilatos mantém o título: “*O que escrevi, está escrito*”.
  - A **insistência de Pilatos** significa provavelmente a sua vontade de contrariar as autoridades e de mostrar a eficácia do poder repressor do império. Contudo, para João, nisto se manifesta algo de mais importante, que tem a ver com o diálogo de Jesus com Pilatos no pretório e com a burla dos soldados. Revela, a iniquidade do rei-tirano, e a verdadeira realeza de Jesus, Bom Pastor que dá a vida pelas suas ovelhas, restituindo verdadeira dignidade à liderança para a vida e realizando os anúncios dos profetas (cf. Is 11,1ss).
  - Além disso, o letreiro “**estava escrito em hebraico, latim e grego**”. Essas eram as línguas faladas localmente, duas das quais eram das mais faladas no mundo então conhecido. A sua citação por João dá um significado universal a este evento não só para Israel, mas para toda a humanidade onde o Evangelho vai ir chegando.

### 19,23-24 REPARTIÇÃO DAS VESTES DE JESUS

(Mt 27,35; Mc 15,24; Lc 23,34)

- ◆ *23 Então os soldados, depois de crucificarem Jesus, tomaram as suas vestes e fizeram quatro partes – uma parte para cada soldado – e tomaram também a túnica. A túnica era sem costura, tecida num todo, do alto a baixo. 24 Disseram, então, uns aos outros: «Não a dividamos, mas tiremos à sorte quem ficará com ela»; isto para que se cumprisse a Escritura,*

*que diz: Repartiram entre si as minhas vestes e lançaram sortes sobre a minha túnica. E os soldados fizeram isso mesmo.*

- A **repartição das vestes pelos quatro soldados** que presidiam à execução de Jesus corresponde ao costume romano ligado às execuções. O próprio João lhe dá uma interpretação simbólica ao dizer que esta repartição cumpre a Escritura (Sl 22,9): *“Dividiram as minhas vestes entre si e sobre a minha túnica lançaram sortes”*. Os comentadores dão muitas interpretações sobre o significado da cena, tanto em sentido cristológico, referido ao ser mesmo de Jesus e da sua missão, como em sentido eclesiológico, referente à Igreja.
- **O manto é a parte da indumentária com que a pessoa se reveste**, a expressão do seu ser pessoal, mas igualmente da sua função: “ser com” e “ser para”. Em Jesus esse manto é expressão do seu dom total ao serviço dos homens: uma vida agora deixada nas mãos dos soldados. A repartição dos soldados é um gesto hostil em relação ao condenado, mas, à luz da Escritura, o “espólio” do crucificado, o manto, é dividido em “quatro partes”, correspondendo aos quatro pontos cardeais, exprimindo a morte de Jesus com horizonte universal.
- Nesse sentido, segundo alguns autores, **o manto representa a “herança de Jesus”**<sup>1</sup>. Essa herança – amor até ao dom da vida – é para revestir e caracterizar aqueles a quem chega a ação do crucificado.
- **A túnica é a veste interna e pessoal**. Indissociável de quem a veste, é o modo de existir da própria pessoa. E o Homem-Jesus, tem aparecido em todo o evangelho como Filho de Deus e Filho do Homem. A túnica sem costura tem, segundo outros autores, esse sentido de exprimir a dupla natureza de Jesus, como Verbo encarnado. E essa realidade não se pode dividir: *“era sem costura, tecida num todo, do alto a baixo”*.
- Se a **herança-manto** é atribuído à diversidade dos povos, a **herança-túnica** que significa o corpo do Verbo encarnado, não é divisível, pois é precisamente nessa unidade que se entende a pessoa de Jesus como reveladora e dadora da vida do Pai. Por outro lado, essa unidade com o Pai abre-se àqueles que acolherão o dom de Deus: a comunidade dos discípulos, a Igreja.
- Segundo a interpretação bem presente nos padres da Igreja, **as vestes de Jesus, na sua unidade e partilha**, exprimem o ser de Jesus, como expressão e comunicação da vida de Deus para o mundo – *“tecida do Alto”*, mas também como o seu corpo social (Igreja) que nasce aos pés da cruz, formando um todo único, segundo o anúncio de Jesus a Nicodemos (3,3.7.31; cf. também 19,11).

<sup>1</sup> Cf. Juan Mateos-Juan Barreto, *O Evangelho de São João*, 778s. Para um estudo atualizado e competente sobre o assunto, veja-se: Mário José Rodrigues de Sousa, *Para que também vós acrediteis: Estudo exegético-teológico de Jo 19,31-37*, 148ss.

**19,25-27 A NOVA COMUNIDADE: A MÃE E O DISCÍPULO AMADO***(Mt 27,55s; Mc 15,40s; Lc 23,49)*

- ♦ *25 Junto à cruz de Jesus, estavam de pé a sua Mãe, a irmã da sua Mãe, Maria, mulher de Clopas, e Maria Madalena. 26 Então Jesus, vendo a Mãe e, junto dela, o discípulo que amava, disse à Mãe: Mulher, eis o teu filho. 27 Depois disse ao discípulo: Eis a tua Mãe. E, a partir daquela hora, o discípulo recebeu-a em sua casa.*
- Os paralelos sinóticos mencionam a presença da mãe de Jesus junto à cruz, mas as palavras de Jesus dirigidas a ela e ao “discípulo amado” são **exclusivas do quarto evangelho**.
  - Para entender o alcance que João dá a esta breve cena, há que ter presente a ligação deste momento da “*Hora*”, com **o seu primeiro anúncio no primeiro sinal das bodas em Caná**. Também lá se encontrava a mãe de Jesus e, com aqui, Jesus deu-lhe o título de “*Mulher*”.
  - Ora, em Caná Jesus tinha dito: “*ainda não chegou a minha hora*” (2,4). **Essa “hora” chegou, agora que Jesus já foi levantado na cruz**, como dissera a Nicodemos: “*É necessário que o Filho do Homem seja levantado, a fim de que todo aquele que acredita nele tenha a vida eterna*” (3,14s). E afirmara ainda aos judeus: “*quando for levantado da terra, atrairei todos a mim*” (12,32; cf. ainda 8,28).
  - **Esta última citação ilumina a cena junto à cruz**. A “*sua Mãe*”, não é apenas a Maria de Nazaré, mas a mãe, da ordem do povo nascido segundo a promessa a Abraão e confirmado pela Aliança do Sinai. Agora, porém vai ser chamada “*Mulher*”, na linha da criação, porque será a “*Mãe*” da nova humanidade (dos discípulos).
  - Também o “*discípulo amado*”, como dissemos antes, é mais do que uma pessoa específica. Junto à cruz, é o discípulo-modelo, fiel e representante todos os discípulos/as, da nova comunidade que nasce nesta “*hora*” da manifestação da glória de Deus em Jesus.
  - Do alto da cruz e desta “*hora*”, **Jesus “vê”**, isto é, dá sentido à realidade que eles representam: o povo eleito da história e a nova comunidade dos seus discípulos. A sua palavra determina um sentido e projeto futuro: “*Mulher, eis o teu filho... Eis a tua Mãe*”.
  - E esta disposição de Jesus **tem efeito imediato**: “*a partir daquela hora, o discípulo recebeu-a em sua casa*”. A David, Deus tinha prometido construir uma casa e uma descendência (2Sm 7,1ss). A partir da “*hora*” de Jesus, a nova casa e a nova descendência, que realiza a profecia messiânica de Natan é a casa do discípulo, a comunidade de Jesus. A mãe de Jesus e as outras mulheres, representantes do Israel fiel, são acolhidas nesta nova comunidade. Não é uma substituição, mas o cumprimento e alargamento da primeira casa.
  - **A figura feminina de Maria e das outras mulheres** junto à cruz, juntamente com o discípulo amado, é fundamental no ser da Igreja. Uma concentração masculina da responsabilidade estrutural da Igreja representaria uma limitação do projeto de Jesus. Junto à cruz, a maioria dos que permaneceram fiéis e foram testemunhas da “*hora*” de Jesus eram mulheres.

**19,28-30 JESUS MORRE NA CRUZ***(Mt 27,48-50; Mc 15,36s; Lc 23,46)*

- ♦ *28 Depois disto, sabendo Jesus que, agora, tudo estava consumado, para que se cumprisse a Escritura, disse: «Tenho sede!». 29 Estava ali um vaso cheio de vinagre; pondo, então, uma*

*esponja cheia de vinagre num ramo de hissopo, levaram-lha à boca. 30 Quando tomou o vinagre, Jesus disse: «Está consumado!». E, inclinando a cabeça, entregou o espírito.*

- Também no momento solene da morte de Jesus, **João não alonga a narração**, mas coloca sinais que abrem a uma compreensão iluminada do que narra, à luz de todo o percurso do evangelho.
- Antes de mais, atesta a consciência de Jesus de que tudo o que o pai lhe dera para realizar, *“tinha sido cumprido”*. Este momento da cruz não é, pois um “azar” no programa de Jesus, mas o cumprimento do projeto de Deus no meio de uma humanidade violenta, corrupta e infiel.
- No entanto, **havia ainda uma Escritura para cumprir**. Por isso disse: *“Tenho sede”*. Não existe nenhuma passagem da Escritura que tenha essa frase. Evidentemente que não é a frase que cumpre a Escritura, mas aquilo a que ela alude. Jesus referira-se ao ter sede, particularmente no diálogo com a mulher de Samaria, prometendo a água viva que sacia a sede: *“aquele que beber da água que eu lhe der, nunca mais terá sede: a água que eu lhe der tornar-se-á nele uma fonte de água brotando para a vida eterna”* (4,13-15). No mesmo sentido fala Jesus do pão e da água que dará: *“Quem vem a mim não mais terá fome e quem acredita em mim jamais terá sede”* (6,35). Finalmente, durante a festa das tendas, Jesus aludira solenemente à água, com símbolo do Espírito que havia de jorrar dele para os que nele acreditassem: *“Se alguém tem sede, venha a mim, e beba quem crê em mim! Como diz a Escritura, do seu seio brotarão rios de água viva. Disse isto referindo-se ao Espírito que iam receber os que acreditam nele. Com efeito, não havia ainda o Espírito, porque Jesus ainda não tinha sido glorificado”* (7,37-39). Jesus mesmo tinha revelado a Nicodemos a necessidade de *“nascer de novo/do Alto”* como um nascer da água e do Espírito: *“quem não nascer da água e do Espírito não pode entrar no Reino de Deus”* (3,5).
- A resposta ao pedido de água, **os soldados oferecem vinagre**. É provavelmente uma bebida barata, que se usava para tirar a sede. Porém, no contexto do SI 68,22 – *“Por comida, deram-me fel e na minha sede vinagre”* – que parece oferecer a fonte de inspiração, trata-se de uma resposta de ingratidão depois do bem recebido. A alusão paralela ao primeiro sinal em Caná sublinha ainda esse significado. Agora que Jesus oferece o vinho novo do dom da vida, o que recebe é o vinagre da violência e da morte.
- A referência ao *“ramo de hissopo”* **também não é casual**. Em Ex 12,22, o sangue do cordeiro pascal deve ser tomado com um ramo de hissopo, para aspergir com ele o dintel e as ombreiras da porta. Agora, o hissopo que leva o vinagre da ingratidão e do ódio violento dos soldados, regressa embebido do sangue do amor e do dom da vida.
- A sede que Jesus manifesta, para além de ser muito natural num condenado exangue, é **a sede do Espírito que dá vida**. Não se trata de um detalhe da Escritura ou da missão recebida do Pai, mas, na perspectiva de João, da dimensão fundamental de Jesus, anunciada, desde o início, por João Batista, como aquele que havia de batizar no Espírito Santo (1,33s). Os elementos dinâmicos de interpretação do quarto evangelho – a “hora”, a “glorificação”, o sexto dia, a vida – convergem para este momento do dom do Espírito Santo.
- Agora, depois de anunciar o momento revelacional que conclui a sua vinda ao mundo, Jesus pode clamar: *“Está consumado!”* **A missão que o Pai lhe confiara foi inteiramente cumprida**, pela revelação do seu amor até ao fim e pelo dom anunciado do Espírito para a vida do mundo.

- **É isso que narra o evangelista:** *“inclinando a cabeça, entregou o espírito”*. É possível que o *“inclinando a cabeça”*, com dizem alguns comentadores, seja alusão ao sono (cf. Mt 8,20; Lc 9,58). Foi esse o verbo que Jesus usou para falar da morte de Lázaro, pois, para ele, a morte é um adormecer nas mãos do Pai.
- Essa interpretação concorda com o verbo que João usa em seguida para designar realmente a morte de Jesus: *“entregou o Espírito”*. **“Entregar o Espírito”** não é o mesmo que o verbo *“expirar”*, utilizado por Marcos (15,37) e Lucas (23,46), sinónimo de *“morrer”* ou com *“deixar o espírito”* empregue por Mateus (Mt 27,50). O verbo *“entregar”* tem importância especial no quarto evangelho, tanto no sentido de *“entregar-dar”*, como no de *“entregar-trair”*.
- Aqui, trata-se, claramente do primeiro sentido: Jesus entrega o seu espírito/vida nas mãos do Pai: **regressa ao Pai, como tinha prometido**. Esta é a sua glorificação junto do Pai, pela qual orara no final da ceia: *“glorifica-me tu, Pai, junto de ti, com a glória que tinha junto de ti, antes de o mundo existir”* (17,5). Aliás, o dom do Espírito estava prometido quando Jesus fosse para junto do Pai: *“é melhor para vós que eu vá, pois, se não for, o Paráclito não virá a vós; mas, se for, enviá-lo-ei a vós”* (16,7).
- É isso que diz **o segundo sentido da expressão:** *“entregou o Espírito”* à sua nova comunidade aos pés da cruz. Este é o dom supremo que Jesus faz de junto do Pai e está ligado ao dom total da vida. O espírito que estava em plenitude em Jesus, pelo qual ele operara sinais e revelara o rosto do Pai, é dado agora aos seus, para que também permaneçam unidos com o Pai, fonte de vida e continuem a realizar as obras do Pai.
- E esta **é a glorificação de Jesus e do Pai:** o dom do Espírito Santo que sacia a sede de vida, como anunciado à Samaritana; que é Pão da vida que sacia a fome; que continua a guiar os seus para que deem testemunho da vida nova, pelo amor que transforma o mundo.
- Este é o **“nascer de novo” ou “nascer do alto”**, tornado possível porque o Filho do Homem foi levantado. É a **“hora”** prometida desde o início do evangelho: a revelação do Homem Novo, tornado possível pelo dom do Espírito.
- Para João, a **morte, ressurreição, ascensão de Jesus e o Pentecostes**, têm um momento comum, que é a glorificação de Jesus junto do Pai e o dom do Espírito Santo que gera a Igreja.

### 19,31-37 O SANGUE E A ÁGUA, DOM DO ESPÍRITO PARA A IGREJA, HUMANIDADE NOVA

- ◆ *31 Os judeus, visto que era a Preparação, para que os corpos não permanecessem na cruz durante o sábado – era um grande dia o daquele sábado – pediram a Pilatos que se lhes quebrasse as pernas e fossem retirados. 32 Vieram, então, os soldados e quebraram as pernas ao primeiro e ao outro que tinha sido crucificado com ele.*
- Depois desta breve, mas reveladora narração da morte de Jesus, **João é o único evangelista a reportar** uma cena que resume toda a perspectiva do seu evangelho sobre a vida e morte de Jesus e da sua importância para a sua comunidade: a transfixão do peito de Jesus, de onde jorra sangue e água.
- **Volta a questão da festa da Páscoa, à hora em que continuavam a ser imolados os cordeiros** no templo, que se encontra como pano de fundo desta cena. Mas a permanência

dos corpos na cruz era incompatível, do ponto de vista da pureza ritual, com a permanência dos corpos na cruz. Por isso, os judeus foram pedir a Jesus para abreviar a morte dos condenados, partindo-lhes as pernas, a fim de morrerem sufocados.

- Esta contraposição entre os corpos na cruz e a celebração da Páscoa já é reveladora de sentido, na perspectiva do evangelho: **Como em Caná, a questão não é de pureza ritual**, mas de vida e de amor (2,1-11). A festa judaica vai ter início, mas já foi realizada de modo novo pela Páscoa (dom da vida) de Jesus. O verdadeiro Cordeiro da total libertação foi imolado, e o próprio templo, que Jesus já tinha declarado que seria substituído pelo templo do seu corpo (2,12-22).
- Os soldados executaram a ordem nos dois condenados ao lado de Jesus, mas **viendo que já estava morto**, não estiveram com esse trabalho, o que terá, aos olhos do evangelista, um significado muito especial.

♦ **33 Mas, ao chegarem a Jesus, como o viram já morto, não lhe quebraram as pernas. 34 No entanto, um dos soldados trespassou-lhe o lado com uma lança; e logo saiu sangue e água.**

- O golpe de lança tem **dois significados**. Antes de mais, para **constatar a morte de Jesus**. Ele deu realmente a vida como Bom Pastor que dá a vida pelas suas ovelhas (10,11). Está concluído o dom voluntário e livre da vida. Mas, como Jesus tinha anunciado, este não é apenas o seu dom, mas o dom do Pai nele. O dom do Alto. Para isso é que ele foi elevado.
- Mas, por outro lado **a lança revela (faz sair) sangue e água do peito de Jesus**, revelando simbolicamente o dinamismo de vida que o habitou enquanto Verbo encarnado. No evangelho encontramos essas referências que guiam na busca desse simbolismo.
- Em primeiro lugar, **o sangue derramado significa morte**, que João não vê simplesmente como morrer, mas como dom da vida de Jesus, como em cima dissemos. Um morrer como maior prova de amor (15,13), e como dom de si próprio do pastor.
- Esse **dom do sangue está naturalmente ligado à humanidade/vida de Jesus**. O seu dom significa o seu modo de ser homem, em estreita comunhão-obediência com o projeto salvador de Deus. Nele se pode ver, em forma humana, o modo como Deus vive e ama: dando vida, na totalidade.
- **A água tem sido vista, ao longo do evangelho como sinal do Espírito** renovador do Pai, que Jesus prometeu para quando fosse elevado (cf. acima, comentário a 19,28). É particularmente referida a esta cena a promessa de Jesus na festa das tendas: *“Como diz a Escritura, do seu seio brotarão rios de água viva. Disse isto referindo-se ao Espírito que iam receber os que acreditam nele. Com efeito, não havia ainda o Espírito, porque Jesus ainda não tinha sido glorificado”* (7,37-39) Para João, não há dúvida que este é o momento do dom da água viva.
- É a **realização da perspectiva geral do prólogo quando fala do Verbo encarnado**, manifestação da vida de Deus; *“Assim, da sua plenitude, todos nós recebemos graça sobre graça”* (1,16). Ecoa também aqui a profecia de Ezequiel 47, que vê as águas saírem do templo e gerar vida por onde quer que passem. Este é o verdadeiro templo onde se adora Deus em Espírito e verdade, como disse Jesus à Samaritana (4,23).
- **O sangue e a água** – a humanidade e a filiação divina de Jesus – criam uma nova realidade em casa do discípulo amado (19,25-27). Estas quatro mulheres, entre as quais a mãe de



Jesus, junto com o discípulo amado, são as primeiras a receber a revelação e o dom que é destinado a toda a Igreja. Este é, para João, o momento da Glorificação de Jesus e do nascimento da Igreja, no dom por excelência do Pai: o Espírito Santo.

- **No evoluir da compreensão desta cena** e no seguimento dos comentários dos padres da Igreja, a espiritualidade cristã foi vindo no golpe da lança o acesso e a revelação do Coração de Jesus, do qual brota a fonte da água da vida e do amor, que continua a dar vida à Igreja e ao mundo.
- ◆ *35 Aquele que viu dá testemunho, e o seu testemunho é verdadeiro; e ele sabe que diz a verdade, para que também vós acrediteis. 36 De facto, estas coisas aconteceram para que se cumprisse a Escritura: Nenhum osso lhe será quebrado. 37 E outra passagem da Escritura diz ainda: Olharão para aquele que trespassaram.*
- O evangelista João considera tão importante esta revelação, que põe a assinatura do seu testemunho e a corrobora com dois testemunhos da Escritura: **Assegura que viu e testemunha**, que o seu testemunho é autêntico e se destina aos leitores para que também acreditem em Jesus nova fonte, de cujo dom continua a jorrar a água da vida.
  - **A primeira citação** – *“Nenhum osso lhe será quebrado”* – refere-se a Ex 12,46 (cf. Nm 9,12) que dá as indicações para a preparação da ceia pascal, indicando, entre outras coisas, que não se pode quebrar nenhum osso do cordeiro. João abre e fecha esta cena com a referência à festa da Páscoa, agora renovada com o dom total do amor por Jesus, nova aliança de Deus estendida a todos os povos.
  - **A segunda citação** vem do profeta Zacarias que foca a atenção um homem trespassado, que representa a crise que vive Jerusalém no seu tempo, mas, ao mesmo tempo a esperança da restauração: *“derramarei sobre a casa de David e sobre os habitantes de Jerusalém um espírito de benevolência e de súplica. Eles contemplarão aquele a quem trespassaram; chorarão por ele como se chora um filho único e lamentá-lo-ão como se lamenta um primogénito”*.
  - **O futuro e a esperança**, exprime-se em termos próximos da tradição profética anterior, nomeadamente pela presença da água da purificação: *“Naquele dia, haverá uma fonte aberta para a casa de David e para os habitantes de Jerusalém, para a purificação do pecado e da impureza”* (Zc 12,10); *“Naquele dia, de Jerusalém jorrarão águas vivas, metade das quais correrá para o Mar Oriental e metade para o Mar Ocidental: correrão durante o Verão e durante o Inverno. O Senhor reinará sobre toda a terra.”* (Zc 14,8s).
  - **A Escritura, confirma a visão de João**, sobre o sentido revelador, salvífico e vivificador da vida e morte de Jesus. Também constata o resultado concreto deste grão que caiu à terra e deu fruto na sua comunidade. É a essa comunidade, hoje o leitor, que se dirige o testemunho, para que conduza à fé-adesão à fonte da vida, nascida e acolhida pela primeira comunidade, junto à cruz de Jesus.

**19,38-42 SEPULTURA DE JESUS***(Mt 27,57-61; Mc 15,42-47; Lc 23,50-56)*

- ◆ **38** *Depois disto, José de Arimateia, que era discípulo de Jesus – embora em segredo, por medo dos judeus – pediu a Pilatos para retirar o corpo de Jesus. Pilatos permitiu-lho. Veio, então, e retirou o seu corpo.*
  - A morte de Jesus desencadeia repensamentos e decisões. **Dois homens importantes, que já tinham tido contatos com Jesus, movimentam-se** para lhe dar sepultura. Não era fácil e a atitude deles denota, no mínimo respeito por Jesus e coragem de se expor.
  - De José de Arimateia, diz-se que era discípulo de Jesus, mas *“em segredo, por medo dos judeus”*. João tinha apresentado uma opinião pouco abonatória sobre esta atitude de alguns notáveis: em: *“Até entre os chefes, muitos creram nele, mas não o confessavam por causa dos fariseus, para não serem expulsos da Sinagoga, pois amavam mais a glória dos homens do que a glória de Deus”* (12,42s).
  - Seja como for, **José mostra coragem**, pois ir pedir o corpo de um condenado poderia comportar riscos, por parte do Procurador como dos judeus. Assim, terá sido ele a retirar o corpo de Jesus da cruz.
- ◆ **39** *Veio também Nicodemos, o que anteriormente tinha ido ter com Jesus de noite, trazendo uma mistura de mirra e aloés, de quase cem libras [trinta quilos].*
  - Nicodemos já é conhecido da narração de João, desde o **encontro noturno com Jesus**, no capítulo 3. Além disso, tem coragem e retidão para sair em defesa de Jesus, exigindo que se respeite a justiça e a lei no que diz respeito a Jesus (7,50s) e, ousa vir dar-lhe sepultura, trazendo uma enorme quantidade de perfumes: cerca de 30 quilos.
  - Qualquer que fosse o grau e o tipo de adesão a Jesus, estes notáveis, que tinham possibilidades económicos e contatos importantes, vieram para prestar homenagem a Jesus e cumprir o dever de sepultar os mortos.
- ◆ **40** *Tomaram, então, o corpo de Jesus e envolveram-no em ligaduras de linho, juntamente com os aromas, como é costume sepultar, entre os judeus. 41 Ora, no lugar onde tinha sido crucificado, havia um jardim, e no jardim um sepulcro novo, no qual ainda ninguém tinha sido posto. 42 Foi aí, por causa da Preparação dos judeus, porque o sepulcro ficava perto, que puseram Jesus.*
  - O **ritual apressado** da cerimónia fúnebre respeita, no entanto, o modo de sepultar entre os judeus. Tratava-se sobretudo de conseguir realizar tudo antes de começar a solene celebração da Páscoa.
  - Na realidade, **a Nova Páscoa já tinha tido lugar no Gólgota**, e começaria a revelar-se precisamente a partir do túmulo, onde eles pensavam vir prestar a sua homenagem a Jesus.
  - O **sepulcro novo** é um pormenor que denota a pressa, mas também a deferência para com Jesus. É possível que o adjetivo “novo” tenha um significado simbólico na perspetiva de João. Na realidade, Jesus inaugura não simplesmente um sepulcro *“no qual ainda ninguém tinha sido posto”*, mas sobretudo um novo tipo de sepulcro onde não se fica para sempre fechado, mas que se abre à perspetiva da vida que não acaba, como Jesus revelara no túmulo de Lázaro.

- O elemento do *“jardim”* onde estava o sepulcro é uma indicação que prepara o cenário para o encontro de Jesus com Maria Madalena.